

**Polifonia 45 - 2020**  
**Dossiê: Estudos Literários**  
**“Duelos na cidade letrada: História e Literatura em tempos de crise”**

*E a vida sempre assusta a morte porque temos as palavras!*

A partir do final dos anos 1970, com os desdobramentos da “Virada Linguística” e do “Retorno da Narrativa”, na seara dos historiadores e críticos literários enfrentamentos, negociações e intercâmbios desestruturaram a aparente rigidez epistêmica, metodológica e teórica entre os campos disciplinas da História e Literatura. O debate entre campos na cidade letrada contemporânea, transfigura nas universidades, ganharam novos impulsos também a partir dos dilemas identitários dos movimentos das mulheres, negros, indígenas, LGBTQs questionando as meta-narrativas e conceitos fechados como cultura, classe, raça e gênero.

As fronteiras “móveis” entre a História e a Literatura na abordagem de termos explosivos como verdade, fábula, fato, ficção, narrativa autorizaram uma vasta gama de estudos, discussões e proposições intempestivas sobre o ato de escrever, de fazer ciência.

Diante desse cenário, convidamos pesquisadores das diferentes áreas do saber envolvidos com essas temáticas a apresentarem estudos originais para o presente dossiê intitulado “Duelos na cidade letrada: História e Literatura em tempos de crise”. Recebemos um conjunto significativo de contribuições proveniente de diferentes instituições de ensino e pesquisa, proporcionando a todos leitores um manancial multifacetado de abordagens e leituras para esse encontro em prosa e verso. E no duelo muitas vezes encontramos diálogos, hibridações, interfaces e arranjos.

O primeiro ensaio *O pensamento de Miguel de Unamuno sobre a Modernidade: europeização, urbanização e progresso* aborda três ensaios de Miguel de

Unamuno, escritor espanhol finissecular, com o intuito de examinar sua concepção da Modernidade, que nos oferece, de certa maneira, sua feição ideológica e estética e seu lugar em relação ao Modernismo hispano. Em seguida, em *A música na picaresca é para tique-tique-tar*, aborda-se a figura do pícaro. O pícaro é um polinizador cultural que distribui a cada diáspora histórias, músicas e danças folclóricas. Neste contexto, a autoria compreende nas analogias com a música e a dança a memória sobre violência sofrida. No texto intitulado *As traduções brasileiras da obra “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen*, analisa os aspectos do micronível na obra a partir de duas traduções, sendo elas: a de Marcella Furtado publicada pela editora Landmark em 2015, e a tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret no ano de 2012. Essas duas traduções são comparadas, tendo como base o texto fonte escrito em língua inglesa, publicado em 1813. Em *História, ficção e gênero na narrativa audiovisual de “O dia que durou 21 anos” e “Memórias Clandestinas”*, apresenta-se um estudo comparativo desses dois filmes documentários a partir da categoria de “gênero” como ponto de partida para uma reflexão sobre formas possíveis de narrar o passado considerando a possibilidade da construção de engajamentos afetivos para a ação no presente.

No artigo *O desenvolvimento dos conceitos dos alunos da graduação sobre o gênero sistêmico fanfictional*, há um relato da experiência sobre curso de *Escrita Criativa Fanfictional* em inglês (ECFI), desenvolvido e ministrado no final de 2016 com alunos da graduação em Letras. O trabalho *Fahrenheit 451: do simbolismo épico ao intempestivo contemporâneo* discorre sobre a obra de Ray Bradbury, com objetivo de repensar, de uma perspectiva histórico-filosófica, a construção da personagem pelas relações que se estabelecem entre as representações do homem na épica, no romance moderno e na literatura contemporânea. No ensaio *Mito, ironia e identidade pós-moderna n’O Conquistador, do português Almeida Faria*, realiza-se a problematização das construções literárias que articulam concepções míticas em relação ao passado, elaborando sensibilidades do/no presente, ou ainda, um novo modo de ser frente à identidade cultural portuguesa, a partir da análise da obra do português Almeida Faria.

Em *A Terra Inteira e o Céu Infinito*, de Ruth Ozeki: a narrativa como forma de produzir afinidades no Antropoceno, a autoria utiliza o livro *A Terra Inteira e Céu Infinito*, de Ruth Ozeki, para ponderar como a narrativa contribui para encontrarmos formas de estar no mundo que vão na contramão da lógica do excepcionalismo humano e que compreendem como indispensável o processo de estabelecer afinidades com humanos(as) que não são da mesma família e com seres e coisas que nem humanas são.

O ensaio *Fronteiras entre narrativas: história e ficção* debate sobre as relações possíveis entre ficção e história e as fronteiras que cercam esta discussão, candente nas áreas História e Literatura, considerando fronteira não como o ponto onde algo termina, mas como o ponto de partida do qual algo começa a fazer-se presente. Nesse sentido, compreende em sua análise que a fronteira entre ficção e história é, na atualidade, muito tênue, sem limite definido, decorrente também da mobilidade de termos como verdade, fato, ficção. No texto *Dualidade e sinestesia como resistência ao poder oficial: uma leitura da canção Trem das Cores*, investe-se na compreensão dos sentidos construídos na canção *Trem das cores* que integra o álbum de Caetano Veloso lançado em 1982. Para tanto, realiza a leitura a partir do cotejamento entre textos desenvolvido a partir do paradigma indiciário de leitura. A autoria adota o conceito de cronotopo formulado pelo Círculo de Bakhtin como uma valiosa categoria de estudo para conhecer como os acontecimentos são experimentados, como as relações sociais são vividas e como a relação com o mundo é estabelecida. O texto *A construção da narrativa do outro como um projeto literário: entre textos panfletários e discursos universalistas* vem com a intenção de provocar uma reflexão, a luz da teoria decolonial, sobre as ligações entre História e Literatura e as problemáticas equivalentes que atravessam o processo de escrita desses sistemas de significação. Apresenta a noção de cânone e as incertezas que essa categoria carrega, para ambas as áreas, se considerada dentro de uma perspectiva universalista e fechada. No artigo *Os ventos da memória na cidade: reconstrução histórica da cidade do Rio de Janeiro no século XX a partir do romance “Nunca houve um castelo” de Martha Batalha* são apresentadas reflexões sobre as transformações ocorridas no cotidiano, comportamento e imaginário de cidade

do Rio de Janeiro ao longo do século XX. Como fonte principal a autoria trabalha com o romance *Nunca houve um castelo*, da escritora Martha Batalha, livro que narra diferentes trajetórias pessoais de personagens que vivem na cidade carioca.

Fechando o dossiê temos a resenha do livro *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*, de Eunice Figueiredo, publicado em 2017 pela Editora 7Letras, cuja temática é o papel da literatura como espaço de dever de memória dos anos sombrios da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985).

Acreditamos que esse dossiê, tão plural em termos de objetos e abordagens, poderá oferecer possibilidades inimagináveis para se pensar os encontros e desencontros da narrativa ficcional e histórica na cidadela das letras.

E em tempos tão difíceis e fraturados, marcados pelas mazelas da virose assassina e das falas de intolerância, pensar, escrever, imaginar e falar são atos de coragem, ousadia e vida. Vai passar todo mal porque as artes e as letras são o melhor antídoto para curar a dor do corpo e do espírito.

Prof. Dr. Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)  
Prof. Dr. Luís César Castrillon Mendes (UFGD)  
Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério (UFFS)